



Data: 30.Jan.2009

Assunto: Transportadores temem que 10% das empresas desapareçam

Autocarros. Empresas de transportes ocasionais exigem "congelamento das portagens"

Transportadores temem que 10% das empresas desapareçam

Empresas começam a falhar empréstimos para renovação da frota

LEONOR MATIAS

As empresas de transportes de passageiros que operam autocarros de turismo, serviços ocasionais (excursões), transportes escolares e de trabalhadores para as fábricas temem que este ano mais de dez empresas desapareçam ou sejam absorvidas por empresas estrangeiras, correspondendo a 10% do sector, disse ao DN Rui Pinto Lopes.

Pelas contas do presidente da Associação Rodoviária de Transportadores de Pesados de Passageiros (ARP), no ano passado fecharam portas pelo menos "quatro empresas". A situação é "catastrófica", diz, e muitas empresas começam a entrar "em incumprimento junto dos bancos pelos empréstimos que contrairam para a renovação da frota nos últimos três anos.

Hoje, a associação reúne com Ana Paula Vitorino, secretária de Estado dos Transportes, onde vai pedir apoios para o sector. Uma das propostas em cima da mesa vai ser "o congelamento das portagens" e que a medida seja extensível aos restantes transportadores, nomeadamente de mercadorias.

Esta medida permitirá às empresas "respirarem" até ao Verão, altura em que cresce o transporte ligado ao segmento do turismo, embora a associação preveja uma quebra neste negócio, com a perspectiva de Portugal receber este ano menos turistas, sobretudo alemães e britânicos.

A ARP representa 107 empresas, responsáveis por mais de 1600 postos de trabalho, e que operam mais de 1200 autocarros. A actual conjuntura está a "asfixiar" as empresas, e a



Muitas empresas podem encerrar ou ir parar a mãos estrangeiras

Estado "discrimina" operadores

A ARP acusa o Governo de discriminação por não atribuir incentivos à renovação das frotas, como se verifica todos os anos com as transportadoras rodoviárias de passageiros. A associação apresentou, em Novembro de 2008, uma queixa junto da Autoridade da Concorrência (AdC) por alegada "discrimina-

ção" do Estado na atribuição deste apoio, no valor de quatro milhões de euros. Mas até à data "ainda não obteve resposta". Na altura, o Ministério das Obras Públicas, Transportes e Comunicações explicou que "os incentivos atribuídos e a atribuir só têm enquadramento se se destinarem a empresas que realizem servi-

ços públicos regulares de passageiros". A ARP acusa ainda o facto de os incentivos fiscais previstos no programa PME Invest III não contemplarem a aquisição de viaturas. "Está na hora de a tutela ter uma intervenção que possa ajudar as empresas a honrar os seus compromissos", disse o presidente da associação.

associação não perspectiva que a recuperação ocorra em 2010.

Face aos números, "muito alarmantes", Rui Pinto Lopes vai pedir a criação de medidas de apoio, como linhas de crédito específicas para o sector, de modo a evitar que "as empresas fechem as portas ou mudem de mãos". Os incentivos fiscais previstos no programa PME Invest III não contemplam a aquisição de viaturas, acusa, explicando que "estes incentivos são de 25 mil euros, o que faz sentido apenas para algumas empresas". Um autocarro custa em média 200 mil euros.

Entre 2005 e 2007, as empresas, em face do crescimento do mercado,

ESTRANGEIROS DOMINAM MERCADO

Os estrangeiros lideram o sector transportador. Crescimento foi feito por aquisições

➤ A Arriva está presente no mercado há vários anos e opera nas áreas de Famalicao e Guimarães com 240 autocarros. A operadora britânica é dona dos Transportes Sul do Tejo (TST) e detém uma participação no Grupo Barraqueiro, considerado o maior transportador, que opera ainda a Fertagus, que explora os comboios da Ponte 25 de Abril.

➤ Os franceses da Transdev operam mais de 800 autocarros no mercado nacional e exploram o Metro do Porto. No ano passado, a Transdev adquiriu uma posição na Joatão e ascendeu à categoria de segundo maior transportador.

➤ Espanhóis da Alsa actuam na Área Metropolitana do Porto e cresceram no mercado por aquisições. A Auto-Viação Sandinense foi uma das operadoras que integraram.

iniciaram um programa de renovação da frota, contraindo empréstimos avultados junto da banca. Em 2008, a situação inverteu-se, primeiro devido ao aumento dos combustíveis em cerca de 50% e depois agravou-se com a crise económica.

Rui Pinto Lopes denuncia que muitos operadores estão a enfrentar problemas junto dos bancos e teme que muitas delas entrem em incumprimento e sejam obrigadas a entregar os autocarros por falta de pagamento. A quebra das margens de lucro é uma realidade no sector, denuncia, existindo empresas a praticar preços 7% abaixo do preço de mercado. ■